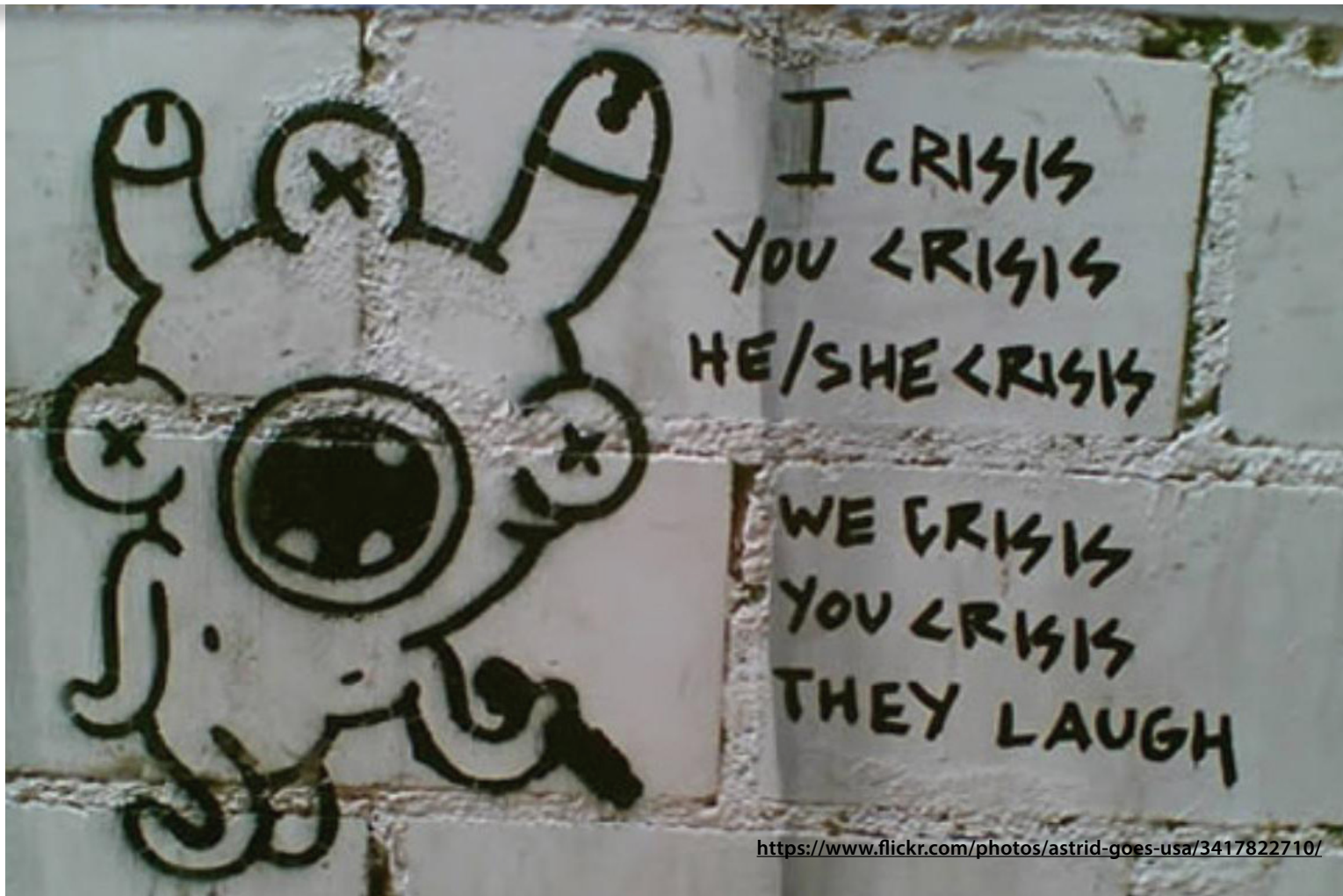


INTERVALO ANALITICO



<https://www.flickr.com/photos/astrid-goes-usa/3417822710/>

MATÉRIA DA CAPA

As crises nossas de cada dia

"Se há algo que não nos falta, em todas e em cada uma das nossas instituições, ao lado da criatividade e da vitalidade, é a presença de crises."
(Claudio Laks Eizirik)

A crise

"Acabamos de dar passo importante para a resolução de nossa crise do momento e é necessário que consigamos reviver a vida institucional."
(Wilson Amendoeira)

Por **Claudio Laks Eizirik e Wilson Amendoeira**
Páginas 3 e 4

FAZENDO PARTE DA NOSSA HISTÓRIA

Ruth Naidin

"As palavras devem nos servir como recurso para intermediar nossas discordâncias, sempre."

Por **Equipe Editorial**
páginas 6 e 7

PSICANÁLISE & CIA

Margareth Dalcolmo

"Os psicanalistas talvez precisem releer os medos contemporâneos. A releitura do passado é essencial. Confúcio dizia que só avançamos olhando o outro. Saramago também afirmava que, sem olhar o outro, não há futuro. Acho que os psicanalistas enfrentam um novo desafio: compreender os novos medos do nosso tempo."

Por **Simone Wenkert**
páginas 10, 11 e 12

DIVAGAR É PRECISO

A angústia do Rei Salomão

"Envelhecer não é uma crise, não é um momento agudo, mas sim o resultado daquilo que se constrói ao longo de toda uma vida."

Por **Gabriela Pyszczol Krebs**
página 12

“Penso que não cegámos, penso que estamos cegos, Cegos que vêem, Cegos que, vendo, não vêem.”
(José Saramago, Ensaio sobre a cegueira)



Etimologicamente, “crise” tem sua origem no grego *κρίσις*, que significa decisão, julgamento ou ponto de virada. Deriva do verbo *κρίνειν*, que quer dizer separar, escolher ou decidir. Foi incorporada ao latim como *crisis*, mantendo o sentido de um momento crucial ou decisivo. Ao longo do tempo, sempre carregou a ideia de um ponto de mudança ou de uma situação crítica.

De um lado, o mundo enfrenta desafios globais sem precedentes. As mudanças climáticas, impulsionadas pela ação humana, já mostram seus efeitos devastadores: temperaturas cada vez mais altas, incêndios florestais, secas prolongadas e o aumento do nível dos oceanos. A pandemia de COVID-19 expôs a vulnerabilidade das cadeias de suprimentos globais e a desigualdade no acesso a vacinas e tratamentos. As recentes e históricas tensões geopolíticas entre potências globais, bem como conflitos regionais, ameaçam desestabilizar a ordem internacional.

De outro, o Brasil, em meio a seus problemas estruturais que há décadas se aprofundam, enfrenta crises políticas, econômicas e sociais que se acirram a cada ano. A política brasileira vive um momento de profunda descrença e polarização extrema, dificultando o diálogo e a construção de consensos. Escândalos de corrupção, a erosão das instituições democráticas e a ascensão de discursos autoritários minam a confiança da população no sistema político. As eleições recentes foram marcadas por ataques à democracia e à Justiça Eleitoral. A segurança pública continua sendo um desafio central, mas permanece sendo tratada como uma ques-

tão meramente repressiva, carecendo de políticas preventivas e de inclusão social.

No âmbito individual, muitos nos vemos imersos em crises pessoais – de saúde mental, de propósito, de conexão humana. A saúde mental tornou-se uma preocupação central em um mundo marcado por pressões constantes, incertezas e isolamento, em que problemas como ansiedade, depressão e solidão afetam pessoas de todas as idades e classes sociais. A busca por sentido e propósito, em um mundo cada vez mais fragmentado e acelerado, é um desafio para muitos. As crises existenciais se intensificam diante das incertezas do futuro. O medo do fracasso e da inadequação nos paralisa, e a ansiedade se torna uma epidemia silenciosa. A pressão por sucesso e felicidade instantânea gera uma angústia difícil de administrar. Ao mesmo tempo, essa crise interna pode ser um chamado para a transformação. O autoconhecimento, a resignificação das relações e a busca por um sentido mais autêntico de existência são caminhos possíveis para atravessar esse momento. A resposta não está na negação da crise, mas no enfrentamento dela.

Estas crises, aparentemente desconexas, estão interligadas de formas enraizadas e complexas. A crise pode ser um ponto de ruptura, mas também de renovação. A história nos mostra que grandes transformações surgem de momentos de instabilidade, o que exige um esforço coletivo e individual. A crise é, antes de tudo, um estado de transição. Podemos permitir que ela nos destrua ou podemos usá-la como um motor de transformação.

Recentemente, nossa Sociedade se viu – não pela primeira vez em seus 65 anos – convocada a lidar com uma situação de crise multifacetada. Crise de silenciamentos, crise de vínculos, crise de polarizações, crise climática interna, crise do modelo de formação e do modelo de sucessão, crises tóxicas e crises necessárias, crise do analista, crise da psicanálise, crises nossas de cada dia. Deste emaranhado, a proposta de um novo modelo de gestão, prontamente discutido e aprovado, emergiu como possibilidade de continuidade e de transformação, de viabilizar a permanência de um “nós” enquanto Sociedade e de mexer em nossas estruturas institucionais numa abertura pro diferente, pra fertilidade, pra criação.

Mas estamos alertas: mesmo quando a crise aparentemente acaba, a cegueira pode persistir se não houver reflexão e mudança real. O retorno à “normalidade” não significa que a Sociedade aprendeu com a crise. Lembremo-nos da cegueira de Édipo, a cegueira por arrogância, mesmo quando achava que via, mas não podia ver... Daí a importância de olharmos para nossa crise, encarmos nossas entranhas inflamadas, o que endureceu, envelheceu, o que precisa ser amputado e o que precisa de cuidado... Não é fácil. É preciso ter coragem de encarar o que parece que pode se desintegrar, coragem para buscar novos recursos, novas tecnologias, novos métodos, sem perder o que nos constitui sujeitos.

// Simone Wenkert Rothstein

simonewr@rotx.com.br

// André Luiz Vale / alavale88@gmail.com



Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro

Filiada à Febrapsi, Fepal e IPA
sbprj.org.br

Siga-nos e se inscreva em nosso canal:



@SBPRJ



@sbprjoficial



@CanaldevideosSBPRJ

INTERVALO ANALÍTICO

Editora: Simone Wenkert Rothstein/ **Coeditor:** André Luiz Vale/ **Colaboradores do Intervalo Analítico:** Adriana Lasalvia, Bianca Boltje, Haydée Côrtes de Barros S. Pina Rodrigues / **Projeto Gráfico:** Fantastico Studio di Design / **Editoração:** Celyne Maués / **Revisão Ortográfica:** André Luiz Vale
As opiniões dos autores das matérias são de sua exclusiva responsabilidade e não refletem, necessariamente, as dos editores da publicação.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICANÁLISE DO RIO DE JANEIRO – CONSELHO DIRETOR 2025

Copresidentes: Marcela Ouro Preto Santos e Maria Noel Brena Sertã; **1ª Secretária:** Isabel Pessoa; **1ª Tesoureira:** Adriana Lasalvia; / **Instituto de Formação Psicanalítica:** Simone Grinapel Prais (Diretora), Margaret Waddington Binder (Vice-Diretora), Renata Martinelli (Secretária) / **Conselho Científico:** Mariana Neustein (Diretora), Gisela Gorrese (Secretária) / **Conselho Profissional:** Miguel Calmon du Pin e Almeida (Diretor), Maria de Fátima Amin (Secretária) / **Clínica Social:** Marina Miranda (Diretora), Monique Ribeiro de Assis (Secretária) / **Centro de Estudos Psicanalíticos:** Maria Fernanda Borges Rossi (Diretora), Haydée Côrtes de Barros S. Pina Rodrigues (Secretária) / **Departamento de Divulgação:** Eliane Marcellino (Diretora), Ana Luiza B. Fernandes (Secretária) / **Departamento de Difusão da Psicanálise:** Maria Lucia Moret (Diretora), Patrícia Borges de Figueiredo (Secretária) / **Departamento de Comunidade e Cultura (DCC):** Eloá Bittencourt Nóbrega (Diretora), Cristiane Blaha (Secretária)



Do silêncio à palavra: história de uma posse

Marcela Couto e Silva de Ouro Preto Santos é médica psicanalista, membro efetivo com funções específicas e copresidente da SBPRJ. Maria Noel Brena Sertã é psicanalista, membro efetivo, analista de crianças e adolescentes da SBPRJ e copresidente da SBPRJ.

Freud nos ensinou que o psiquismo humano é regido por forças opostas: pulsão de vida (Eros) e pulsão de morte (Tânatos). A primeira, ligada à preservação da vida, à sexualidade, ao amor, à criação; a segunda, marcada pela busca de um estado inerte e de repetição. Essas forças, dinamicamente entrelaçadas, atuam concomitante e dinamicamente. Em meio a situações em que prevalece o silêncio de Tânatos, a força de Eros pode se impor, transformando a energia destrutiva em possibilidades de crescimento e de expressão do novo, trazendo a palavra, o som.

Neste início de ano, vivemos em nossa Brasileira tempos delicados, de incerteza, experimentamos um sentimento de desamparo quando nos vimos sem a perspectiva de uma liderança para conduzir um Conselho Diretor.

Reconhecemos estar em crise. E, a partir daí, iniciamos um processo de conversas e reflexões, nem sempre fácil, no intuito de encontrar saídas. A reunião realizada em 11 de janeiro de 2025 mobilizou 72 pessoas, oxigenando e mobilizando membros e alunos. Não saímos da reunião com soluções, mas com esperança. A força de Eros se fez sentir e ver, em olhares e abraços há tempo adormecidos.

A partir daí, mais conversas, mais palavras rompendo o silêncio. Até que surgiu a ideia de um novo modelo de gestão, que prontamente foi discutido e aprovado, viabilizando a inscrição de uma nova chapa.

A posse foi em 25 de fevereiro de 2025 e é esse evento que queremos deixar registrado. Um dia de alegria e bons encontros na Brasileira, que teve início com um bonito discurso de despedida da Ruth, em que agradeceu a todos, um por um, os que a acompanharam nos dois últimos anos. Uma fala de calorosas boas-vindas às copresidentes e à equipe que as acompanhará.

Noel e Marcela fizeram, cada uma, seu discurso próprio e, neles, ambas ressaltaram a gratidão a todos que as apoiaram e possi-

bilitaram a chegada a esse desfecho feliz, traduzido no momento da posse, que trouxe a esperança da possibilidade de diálogo e maior união societária.

Marcela iniciou o seu discurso dizendo que o impensável há alguns meses, estar à frente da Brasileira, passou a ser possível a partir da criação do modelo da copresidência e citou seus principais motivadores: o primeiro, foram os alunos, com quem tem proximidade nas diversas frentes em que atua na Sociedade e nas quais se depara com um grupo interessante e interessado em psicanálise. Em seguida, citou a sua história familiar dentro da Sociedade, pai e mãe analistas, membros da SBPRJ, que a apresentaram à psicanálise. E, finalmente, falou da gratidão por tudo o que recebeu na Brasileira e pela psicanálise.

Finalizou enfatizando que o grande desafio da copresidência é o diálogo contínuo, a escuta dos diferentes pontos de vista, o que vale para a dupla e para os demais na instituição. “Nesse exercício de diálogo entre mim e Noel, vamos também criando um modelo que pode se replicar em outros setores da Sociedade, em que possamos usar as diferenças para crescimento, e não para a ruptura”.

Maria Noel pautou o seu discurso no amor. Lembrou o Banquete de Platão, em que Sócrates ampliou a definição de Eros para além do amor carnal ou passional, mais do que o encontro de almas, de metades, da parte que falta. Afirmou ser Eros não um deus, mas um ser intermediário, entre os deuses e os mortais, oferecendo a possibilidade de pensar Eros como desejo, como uma busca pelo sublime, pelo conhecimento, pela verdade e, finalmente, pela imortalidade.

Continuou com Freud, que também se alimentou do Banquete para pensar o psiquismo humano e o inconsciente fundamentado em uma dualidade pulsional – morte e vida, Tânatos e Eros –, o que provocou o que ele próprio chamou de “terceira ferida narcísica” do Homem.

Lembrou à plateia que estávamos ali movidos por Eros, mas sem nos esquecermos de que Tânatos está sempre, silenciosamente presente, fazendo-se necessário usar a força ligante de Eros para dominar essa tendência ao inerte e à repetição do mesmo. Essa teria sido a força que possibilitou o diálogo entre os membros da Sociedade nos últimos meses e que viabilizou o surgimento da ideia do novo, encarnado no modelo de copresidência.

Importante destacarmos que, nos dois discursos, ressaltamos que assumiam a copresidência não como um sacrifício, mas sim com alegria e entusiasmo, com a certeza de que farão o melhor possível para que possam realizar uma gestão frutífera.

Finalmente, foi a vez do Instituto de Formação, que também fez a sua passagem de bastão. Ana Maria Sabrosa falou lindamente sobre a necessidade do diálogo e do aprimoramento dos programas implantados nos últimos anos. E Simone Grinapel, que assumiu a Direção do Instituto junto com Margaret Binder na vice-direção, nos falou sobre a sucessão e, igualmente, reforçou a importância da força dos vínculos fraternos na vida societária.

Sabemos que as crises não se resolvem de maneira tão rápida e que, muito possivelmente, nunca se chegue a uma solução final, mas pensamos que os conflitos podem ser também um caminho para desenvolvimento e crescimento. Não obstante, esperamos que todos nós sejamos capazes de continuar dialogando, de abrir novas conversas, de retomar conversas antigas, de continuar ampliando nossa capacidade de pensar e agir na Brasileira, na sociedade, na gente mesmo e, em especial, na psicanálise.

Desejamos a todos um bom ano!

// **Maria Noel Brena Sertã**

marianoelbrena@gmail.com

Marcela Couto e Silva de O. Preto Santos

marcelaopsantos@gmail.com

As crises nossas de cada dia



Sabemos, pelo que vivemos a cada dia, que uma crise é um episódio desgastante, complicado, uma situação de tensão, disputa, conflito. Na Medicina, um momento que define a evolução de uma doença, para o melhor ou para o pior.

Enquanto escrevo estas linhas, num domingo ensolarado em Porto Alegre, olhando a beleza de um jardim, parece que há certa paz e silêncio ao meu redor. Percebo a presença, contudo, de uma tensão latente, que num primeiro nível se concentra na torcida para que o “nosso” filme ganhe pelo menos um Oscar (idealmente três); em seguida, a preocupação com a saúde do Papa (para que lado vai a crise?); e, logo adiante, as brutais crises, em todos os sentidos, que assolam o mundo neste exato momento, em que testemunhamos, ao vivo e a cores, as guerras, a

“Vivemos, em suma, em maior ou menor grau, as crises nossas de cada dia, desde a dimensão macroscópica até a microscopia de cada vida.”

inacreditável arrogância e insensibilidade dos líderes da nação mais poderosa do mundo, tanto quanto dos diversos tiranos que conduzem seus países para o confronto e a destruição, contrariando os valores civilizados e os progressos no respeito aos direitos humanos, saúde coletiva, diversidades sexuais e de gênero, combate ao racismo, ao antisemitismo e outras expressões de intolerância e preconceito.

A situação atual do mundo tem sido descrita como a das polarizações tóxicas. Contudo, questiono se são, de fato, polarizações tóxicas, ou se temos, de um lado, a irrupção assustadora da pulsão de morte e destrutividade, como propunha Green, e de outro as heroicas e contínuas ações e tentativas de desenvolver e proteger as várias expressões da pulsão de vida.

Vivemos, em suma, em maior ou menor grau, as crises nossas de cada dia, desde a dimensão macroscópica até a microscopia de cada vida, de cada família, e, o que é nosso habitat natural, o que se passa em cada campo analítico.

A Psicanálise e os psicanalistas enfrentamos também nossas crises, desde que Freud teve seus primeiros *insights* geniais. “Outrora ouvi os anjos, as sonatas, as confissões patéticas... nunca ouvi voz de gente”, escreveu nosso eterno Drummond.

Temos que continuar ouvindo os anjos, as sonatas, as confissões patéticas, mas

precisamos, cada vez mais, ouvir voz de gente, onde quer que essa gente se encontre. O recente Congresso da FEPAL¹, no Rio, ilustrou bem como a Psicanálise tem voltado, cada vez mais, seus ouvidos, seus olhos e seu coração para ouvir voz de gente, o sofrimento humano, a crueldade, a violência, as diferenças, em todos os níveis, e desenvolvido instrumentos para expandir essa escuta analítica empática e compassiva.

Nossas instituições oferecem o cenário para que nos tornemos e continuemos sendo psicanalistas. Se há algo que não nos falta, em todas e em cada uma delas, ao lado da criatividade e da vitalidade, é a presença de crises, de polarizações (algumas vezes tóxicas), do conflito permanente entre tradição, e até dogmatismo, e inovação, de diferenças entre o que se considera ser a Psicanálise e de como praticá-la da melhor maneira.

Dentre tantas coisas, o que torna nossa psicanálise particularmente fascinante é que continuamos mantendo nossas instituições, desenvolvendo nossas teorias, discutindo, protegendo e atualizando a formação analítica e, apesar das crises, convivendo com a civilidade possível.

Em suma, ainda estamos aqui, e vamos continuar estando.

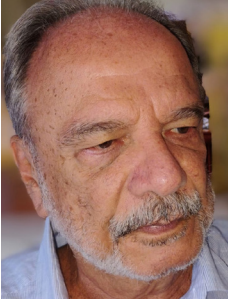
¹O 35º Congresso Latino-americano de Psicanálise da FEPAL foi realizado no Rio de Janeiro, de 15 a 19 de outubro de 2024, com o tema “Intolerância, Fanatismo e Realidade Psíquica”.

// Cláudio Laks Eizirik

Membro efetivo e analista didata da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA), Professor emérito de psiquiatria da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), ex-Presidente da Associação Psicanalítica Internacional (IPA), prêmio Sigourney 2011
cleizirik@gmail.com



Jean-Michel Basquiat. *Head* (1982).



A crise

"A capacidade de lidar com a crise, de superá-la e de emergir dela transformado sempre foi o desafio para a humanidade."

O mote é trazer algumas palavras que estimulem o nosso pensar, neste boletim que busca um estilo informal e leve, pois vamos abraçar o assunto – crise – da maior importância e seriedade para o nosso modelo civilizatório e, também, para a nossa vida institucional e a prática do nosso ofício. A crise não é um fenômeno novo. Ao longo do tempo, ela se fez presente de diferentes formas, desde guerras e revoluções até crises emocionais, econômicas, climáticas, fome crônica e pandemias. A crise, em sua essência, é um momento de desequilíbrio e ruptura, que interroga as estruturas existentes e exige uma reavaliação dos apegos e das prioridades, refletindo a ideia de um ponto de virada em um estado de instabilidade. Embora revestida de véus ameaçadores, ela não é essencialmente negativa. Ela pode ser um catalisador de mudanças, um disparador de profunda reflexão e de busca por soluções inovadoras. A capacidade de lidar com a crise, de superá-la e de emergir dela transformado sempre foi o desafio para a humanidade, pois elas exigem escolhas críticas que irão conformar, *lato sensu*, o futuro.

A Psicanálise enfrenta uma crise de longa duração, pois, já ao redor dos meados dos

anos 1990, esta nossa casa realizou um Simpósio, reunindo um grupo seleto de psicanalistas e pensadores, para discutir o tema, ressoando uma Comissão criada pela IPA para estudar a "Crise ou Declínio da Psicanálise", em âmbito mundial. Ela se enunciava pelo contraste, na procura por tratamento e formação psicanalítica, com os números das décadas anteriores, pela diminuição da nossa presença na Universidade e nos centros de formação psiquiátrica, onde tínhamos sido maciçamente presentes e atuantes, além das nossas constantes crises societárias e a ressonância da crise cultural que vinha em crescente e nos envolvia.

Estávamos presentes e atuantes nos hospitais e em clínicas particulares, como a Vila Pinheiros, com as Comunidades Terapêuticas, na acessibilidade ao tratamento através da psicoterapia analítica de grupos, na qual os participantes, de modo mais acessível, podiam explorar suas dinâmicas emocionais e relacionais, com predominância do uso dos insights de Bion sobre os grupos humanos. Estávamos infiltrados, com nossas ferramentas, na clínica ambulatorial criada por Luiz Cerqueira, para atender segurados, se não me engano, do IPASE¹. Como vimos, lutamos para levar o atendimento aos mais amplos estratos da nossa população, pois, por ser o tratamento psicanalítico longo e caro, em tempo, dedicação e dinheiro, ele tende a ficar restrito a uma parcela reduzida da nossa população.

Ora, esta é questão central na crise, pois é uma experiência diuturna em nossos consultórios: por um lado, verificarmos o desenvolvimento e a evolução de nossos pacientes, usufruindo da Psicanálise que praticamos; por outro, sabermos que, exatamente por isto, devemos ampliar o acesso de todas as camadas da população a esta possibilidade de cuidado terapêutico. Não vou passear por outros condicionan-

tes da crise e sim me ater a como lidamos com ela, pela escolha crítica que fazemos e que vão formatar nosso futuro. Aqui, nesta casa, a Brasileira do Rio, optamos por, ao lado de nosso papel na formação de psicanalistas e na promoção do conhecimento psicanalítico no Brasil, com um intercâmbio incessante através de convites a expoentes da psicanálise mundial, com a participação massiva em Jornadas, Simpósios e Congressos, tanto os brasileiros, quanto os latino-americanos e os mundiais, implementarmos o acolhimento de profissionais graduados na universidade, de qualquer formação, o que ampliou nosso corpo de membros em formação, além da disponibilização de bolsas para a formação, exclusivamente para os alunos que necessitam, em um robusto programa de inclusão social-racial. Estas iniciativas possibilitarão o acesso a uma grande parcela de nossa população.

Acabamos de dar passo importante para a resolução de nossa crise do momento e é necessário que consigamos reviver a vida institucional, conseguindo voltar a ter a participação de todos, com a valorização e o acolhimento que todos esperam de sua casa mãe. Vamos, dentro de nossa conhecida resiliência, conseguir dar um suspiro, um *staccato*, que permita que novas experiências encontrem seu modo de fluir, de corrigir eventuais desgarras, como fazemos com os miúdos no seu processo de viver novas experiências.

Estamos vivos...

¹ Instituto de Previdência e Assistência dos Servidores do Estado.

// **Wilson Amendoeira**

Psicanalista, membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ)
wilson.amendoeira@gmail.com



Entrevista com Ruth Naidin

Fazendo a História

Ruth Naidin é membro efetivo com funções específicas, ex-presidente da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ) – Biênio 2023-2024.

Quando e como foi a sua chegada na Psicanálise? E na Brasileira?

Eu cheguei à Psicanálise cedo na vida, ouvindo conversas de adultos dos anos 1960, em que eles diziam, e eu entendia, que haveria algo de oculto dentro deles, um “lá no fundo...”. Pensando hoje, isso deve ter sido muito assustador, por um lado, mas parece que, afinal, a minha curiosidade foi ainda maior que o medo. Aos 19 fui fazer terapia e ali devo ter entendido o tal “lá no fundo”. À Brasileira cheguei tardiamente, porque psicólogos não eram aceitos para fazer formação naquela época e depois, para poder começar, eram necessários três anos de análise prévios. Mas a chegada foi um momento feliz que me trouxe a sensação de eu estar no lugar certo, na hora certa, finalmente. Durante o tempo em que não podíamos entrar na Brasileira, os psicólogos se organizaram em torno dos analistas argentinos que vinham ao Rio para dar aulas e supervisão. Foi um aprendizado fundamental para mim, especialmente pela oportunidade de ter o Maurício Knobel como supervisor por muitos anos. No entanto, faltavam o convívio com os meus pares, o sentimento de pertencimento, um estudo mais metódico e, algo que só compreendi a posteriori, o estudo sistemático da obra de Freud. Tudo isso, eu só consegui na formação, na Brasileira.

O que você pode nos contar sobre o período de intervenção da IPA na Brasileira? Como esse período repercutiu em

você?

A intervenção da IPA ocorreu cerca de dois anos após a minha entrada, de modo que eu conhecia pouco sobre quase tudo. Ela foi devida à crise que se instalou pela oposição entre dois grupos de analistas da Sociedade. Um grupo discordava da passagem a membro didata da maneira como era feita até então, em que os analistas se tornavam didatas automaticamente, decorridos alguns anos após a sua qualificação como membros efetivos, sem a necessidade de apresentarem um trabalho específico para essa finalidade. Eu não me lembro de ter presenciado debates sobre isso. Com certeza eles ocorreram e muitos, mas os candidatos eram excluídos desses debates, especialmente porque eram questões que envolviam os didatas, seus próprios analistas. A solução que o grupo descontente encontrou foi fazer uma denúncia diretamente à IPA, que interveio presencialmente através de delegados. Isso foi sentido como uma traição, porque deu abertura à IPA para vir legislar e impor as regras e até chamar nossa Sociedade de “Fábrica de Salsichas”. A Sociedade teve então duas opções: desfilial-se ou permanecer na IPA, aceitando as regras e recomendações. Prevaleceu o desejo de permanecermos filiados e, com isso, todos os didatas tiveram que apresentar seus trabalhos para se recrendiciarem. Alguns poucos analistas se recusaram e deixaram, então, de analisar novos candidatos.

Mas o resultado não poderia ter sido mais melancólico. O grupo que fez a denúncia saiu em bloco e depois fundou a Rio 3. Um grupo que permaneceu, descontente com a posição da Sociedade, afinal também se desligou. Muitos candidatos se-

guiram seus analistas e todos os que ficaram tiveram a tarefa de fazer esse imenso luto pela fratura, pela saída de membros antigos, pelo fracasso em alcançar um entendimento, pela perda da autonomia com a imposição e aceitação das regras da IPA. Tiveram que elaborar e superar a situação humilhante e o sentimento de “salsichas sem valor”, enfim, tiveram que reinventar a Sociedade.

Agora muito menos, mas houve muitas e muitas situações ao longo desses 30 anos em que ficávamos acuados diante de sugestões e novidades e perguntávamos “o que dizem os Regulamentos da IPA?” ou simplesmente nem ousávamos propor ou pensar, “porque a IPA”...

Foi bom, na posição de presidente, 30 anos depois, verificar que a IPA certamente mudou e nós também mudamos, lentamente. Muitos pensam que as dificuldades que vivemos hoje estariam relacionadas, ainda, a esta crise dos anos 1990. Pode ser... Mas, em todo caso, considerando o tamanho da ferida aberta na Sociedade, com tantas amizades desfeitas e os imensos prejuízos, temos que reconhecer que é indispensável negociar, falar, discutir à exaustão, antes de passarmos ao ato. As palavras devem nos servir como recurso para intermediar nossas discordâncias, sempre.

Você já ocupou alguns cargos na SBPRJ. O que você nos conta sobre o seu percurso institucional?

Eu considero que o meu percurso institucional foi modesto e também tardio. Talvez pela sensação de que comecei a formação muito tarde na Brasileira, eu tenha me apressado para concluir as exigências, perdendo uma parte muito importante

“Embora seja uma polêmica universal e sem solução, necessariamente, acho que é necessário ouvir, negociar, debater, ter menos certezas e convicções e fazer mais perguntas.”

do pertencimento. Eu só compreendi isso agora, já ia dizer tardiamente. É formativa, numa instituição psicanalítica, essa participação institucional, a contribuição pessoal nos vários departamentos, a contribuição com ideias nos Conselhos Diretores e Comitês de Formação, além de na representação dos alunos. Não é um trabalho fácil, há fricções, impedimentos institucionais e burocráticos, mas, como psicanalistas, trabalhando isolados num consultório durante anos a fio, onde mais adquirir essa experiência? Outro aspecto do percurso institucional fundamental é o convívio com as pessoas. Já o disse Freud antes, que ele é fonte de muitas frustrações, mas não é apenas isso. Observando hoje a trajetória de pessoas amigas à minha volta, vejo que elas construíram um mundo ricamente povoado! E, se eu pudesse recomendar alguma coisa aos mais jovens, diria que devem se esforçar para temperar bem a formação, incluindo o pragmatismo que o tempo impõe e o investimento na vida institucional-social.

As crises costumam suscitar reflexões e muitas vezes provocam mudanças. Há alguma situação que você julgasse oportuno ser relatada neste momento?

Muito temos falado e pensado sobre a nossa crise atual na Sociedade. Eu sinto que temos algo crítico de fato acontecendo entre nós, mas, pelo que ouvi também, parece que esse estado de crise é mais ou menos crônico, se isso não fosse um oxímoro. Eu, pensando e tentando entender a nossa crise, desisti de encontrar qualquer explicação única. Começo pela oposição entre membros que têm uma visão mais focada e engajada socialmente – nas questões raciais, de gênero, de

sigualdades – e membros mais focados e engajados com a tradição psicanalítica, com a excelência profissional, com o trabalho clínico. Não seria talvez crítico se houvesse mais abertura para se ouvir o contraditório – de parte a parte. Mas o que eu percebo é um fechamento para a escuta desse contraditório, com muita intolerância, raiva, cansaço e, muitas vezes, hostilidade aberta. Entre nós, chamamos a crise de “cisão”. De um lado, uns, do outro lado, os outros, “eles”. A coisa cristalizou-se, temos perdido em flexibilidade, em tolerância, temos sido às vezes muito agressivos. Embora seja uma polêmica universal e sem solução, necessariamente, acho que é necessário ouvir, negociar, debater, ter menos certezas e convicções e fazer mais perguntas. Todos têm parte da razão, portanto, mais tolerância, mais empatia sempre.

Acho também que há uma crise geracional em que se confrontam modelos e concepções de vida diferentes. Isso fica nítido no momento da sucessão, porque temos gente muito velha em idade e gente muito jovem. Os velhos têm, em geral, a Psicanálise como uma causa. Dedicaram grandemente sua vida a ela, estudando, construindo as instituições, defendendo a Psicanálise dos ataques de oponentes etc. Os mais jovens não conhecem nem entendem isso muito bem. Não se sentem devedores, não concordam em fazer sacrifícios pessoais, não precisam construir o que já está construído, têm outras prioridades. São mais bem analisados, talvez. A resultante do conflito têm sido os impasses pelo mundo todo, nos processos de sucessão.

Curiosamente, há outro aspecto da dificuldade entre as gerações que é a impos-

sibilidade de os mais velhos tolerarem ser substituídos ou, como dizemos entre nós, passarem o bastão. Como se houvesse, aliás, alguma alternativa! Nesse caso, o que aparece sintomaticamente é a desconfiança, a desqualificação e os ataques às iniciativas diferentes do ideário. Então, há por um lado os mais jovens que não desejam substituir os velhos e os mais velhos que não desejam ser substituídos – ambas, posturas mortíferas para as nossas instituições. E boa matéria para análise.

A nossa relação com a instituição sofre mudanças ao longo do tempo. Entre outras coisas, passamos por um processo natural de desidealização. O que hoje faz brilhar os seus olhos na Brasileira?

Fazer análise. A minha e a dos pacientes. Essa sempre foi a minha prioridade, razão de ser do meu trabalho. Gostar de análise. Ninguém vai poder trabalhar como psicanalista sem gostar de análise. Será que dá pra entender isso? Esse é um ofício diferente porque nós nos confundimos com nosso instrumento de trabalho, não há nada entre nosso paciente e a nossa teoria senão nós mesmos. Talvez, em parte, a minha demora para começar a participar da vida institucional se deveu à minha reserva e absorção pela análise. Talvez também por isso a exigência de três anos de análise prévios ao início da formação naquela época. Mas meus olhos ainda brilham quando penso na Brasileira. Acho que temos aqui um celeiro cheio de vida, de ideias, de pessoas e, sem idealização, cheio de problemas e conflitos também. A graça é pertencer.

Desejo vida longa à nossa Sociedade!

// Equipe Intervalo Analítico

Crise climática na brasileira



Na esquina da minha rua, o relógio digital marca 38°C. Um calor senegalesco, diria minha mãe. Faço uma rápida pesquisa no Google. Em Dakar, a temperatura está em 22°C. Quem dera aqui fosse o Senegal! Acresce-se falta d'água na região. Experimento no corpo a crise climática. Difícil compreender, pelo senso comum, os que a negam. O "eu sei, no entanto..." permite aos psicanalistas algum entendimento. Mas, para além da compreensão psicanalítica, outros fatores econômicos, geopolíticos e sociais estão presentes nas formas pelas quais a crise climática vem sendo tratada. Nossa Sociedade também tem vivido uma crise climática. Também a sentimos em nossos corpos. Afinal, o eu é corporal. E é no corpo que se apresentam nossas emoções e

desconfortos. Um certo sufoco, mal estar, silêncios aflitivos. Nós, que trabalhamos com a palavra, estamos buscando dar voz ao que nos angustia no nosso clima societário. A ciência nos aponta saídas para a catástrofe planetária. Sabemos os caminhos. Não sabemos se os maiores responsáveis pela queda do céu voltarão olhares amorosos e não cúpidos para a Terra Mãe. E quanto à nossa particular crise climática? Para esta, a ciência não tem saída. Somos nós, os caminhantes, que podemos trilhar novos caminhos. Há, com certeza, muitas causas para nossa crise. O sintoma é sempre sobre determinado. E há também resistências para sairmos da repetição do mesmo. O que se repete se faz na tentativa de inscrição psíquica. E o que podemos inscrever para dizer? As novas configurações da Sociedade com o ar fresco que o Instituto de Formação nos trouxe, foram apontadas como algumas

das causas da crise. Bem-vinda esta crise! A família ampliada e diversa com muitas línguas e os quiproquós trazidos compõem novas músicas. Não estamos mais em tempos de salões austríacos tocando Strauss. Dizem que na primeira apresentação do bolero de Ravel, uma mulher levantou-se e saiu dizendo: "É um louco!". Ravel, ao saber disso, sorriu: "Foi a única que entendeu". Bem-vindos todos aqueles que gostam dos loucos e que reconhecem em si a própria loucura. Todos aqueles que criam o novo a partir da repetição. Nossa polifonia é o que podemos oferecer de melhor na Formação. Porque Psicanálise, essa, a gente começa, mas vai estudar a vida inteira.

// Liana Albernaz de Melo Bastos

Membro efetivo da SBPRJ
lianaambastos@gmail.com



Quinta-feira, dia 20 de fevereiro de 2025, nós, os membros da SBPRJ, elegemos nosso novo Conselho Diretor. O que, em anos passados, pareceria apenas o emocionado e repetido rito de certificação do resultado de mais uma eleição, este ano se viu revestido de outros afetos e significados que emocionaram todos aqueles que participaram da AGE em que a apuração dos votos foi realizada. E esta história merece ser contada para ficar registrada. A ausência de uma chapa para sucessão do Conselho Diretor nos expôs a um doloroso processo de reflexões e encontros, por vezes marcados por longos, perturbadores e barulhentos silêncios, que pareciam mostrar as cisões e radicalismos, quando não inimizades, que foram se acumulando ao longo dos anos em torno das diferentes maneiras de conduzir a política institucional. A vivência de uma crise comumente se manifesta em torno da sensação de não se ter saídas para o impasse. Insistimos no diálogo e as reuniões se repetiam parecendo infrutíferas, até que o momento em que nos propusemos a um en-

contro em torno de três eixos de reflexões a serem debatidos por três grupos que se formariam aleatoriamente. A discussão seria livre. O propósito seria quebrar o silêncio e nos escutar. As conclusões, sugestões e críticas de cada um deles seriam levadas ao final para serem debatidas pela assembleia. Mais do que boas críticas e ideias, a reunião presencial dos membros em um sábado pela manhã (dia 11 de janeiro de 2025) nos trouxe de volta o convívio, as amizades, as afinidades, as "desafinidades" e, com elas, a convicção de que todos remávamos na mesma direção, a saber, o desenvolvimento e o desejo de ver a SBPRJ crescer, e, logo, atravessar suas dificuldades. As vozes que se calavam nas AGEs saíram de seus retraimentos e se fizeram ouvir. Em especial, o relatório estabelecido por Carlos Leal aponta o medo de falar e das críticas que poderiam advir daí. Diga-se de passagem, vale a pena a leitura do relatório. Como desdobramento da assembleia do dia 11 de janeiro, uma pequena comissão foi constituída para fazer aparecer novos nomes e, assim, uma nova chapa e duas reuniões depois sua missão foi alcançada. Marcela Ouro Preto e Maria Noel Sertã nos propuseram um novo modelo de gestão em que ambas dividirão a presidência da

Sociedade, uma copresidência. Um modelo inédito de gestão que não apenas corrige o excesso de atribuições da presidência, reconfigurando a função do vice-presidente, como redistribui as funções e responsabilidades do cargo. Cumpre-se notar que a delicadeza, a firmeza e a coragem de nossa presidente, Ruth Naidin, na condução deste doloroso e difícil processo, foram reconhecidas por todos e, eu penso, conseguimos sair do redemoinho dos radicalismos insensatos e infrutíferos pela abertura para uma nova experiência sob novas lideranças. Deste processo, recolho a certeza das dificuldades que as instituições experimentam quando se veem diante das novas gerações. Até hoje, na história do movimento psicanalítico, não houve uma só mudança que, quando proposta, não tenha sido recebida como um aviltamento do método e/ou como um afrouxamento nos modelos de formação. E não são poucas as reflexões e contundentes críticas já publicadas a este respeito. A resistência é grande e o que nos cabe é insistir, repetir, rememorar e elaborar.

// Miguel Calmon du Pin e Almeida

Membro efetivo da SBPRJ
mcalmon.trp@terra.com.br

Crise e seus catalisadores



Sobre qual crise se referiam quando pensaram em mim, como uma experiência interessante a ser ouvida? Crise política, crise de ansiedade, crise climática, crise de angústia, crise psicótica? Esse emaranhado de possíveis crises se encadeiam como possibilidades, mas me parece que, nesse Intervalo Analítico, fui convocado a escrever sobre outra: a crise institucional.

Minha hipótese é a de que os novos ingressantes têm uma importante função, a de serem catalisadores, agentes que fomentam ou precipitam uma mudança, sendo, ao mesmo tempo, causa de desconforto e estímulos de transformação. No contexto da SBPRJ, os últimos recém-ingressantes entraram realçando ainda mais tal função, sobretudo por serem as primeiras turmas vindas de formações não tradicionais, e que se beneficiaram da implementação das cotas raciais e socioeconômicas.

Apesar dos objetivos da IPA de ampliar o acesso à psicanálise, esses objetivos não são alcançados sem turbulências. Desde nossa chegada, percebemos um clima de tensão, algo sem nome, mas palpável. Aos poucos, essa sensação ganhou forma, revelando-se como um sintoma de tensões históricas não elaboradas. Por um acúmulo de fissuras, a instituição amontoou tensões não resolvidas (afastamento de membros produtivos, polarizações políticas, resistência a mudanças de certos critérios). De um lado, temos um medo de desintegração da instituição pela perda dos ideais. Até então, o que imperava era que, apesar do anseio de abertura, não percebia o quão insulada estava. Do outro lado da personalidade do grupo, os novos membros – com expectativas altas de inclusão, de acesso ao conhecimento, de pertencimento – vendo-se frustrados e decepcionados, visto as dificuldades do grupo em justificar suas normas ou revê-las. De certa forma, ambas as figuras estavam lidando com contradições entre o ideal inclusivo e a realidade ex-

cludente. Ora, suportar frustrações e dores psíquicas não são as condições básicas do pensar, dando possibilidade para o crescimento?

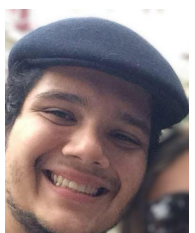
A crise institucional reflete uma crise social mais ampla, marcada por polarizações e discursos excludentes. Acredito que a SBPRJ pode transformar essa crise em uma oportunidade de crescimento, funcionando como um contínuo que metaboliza angústias e as converte em pensamentos criativos. Recentemente, um grupo de trabalho foi convocado para buscar soluções, abraçando o conflito como motor de mudança. Será que podemos aprender com nossas crises internas e atuar como vetores de transformação?

// Diego Sanzana

Mestre em Teoria Psicanalítica (PPGTP/UFRJ).
Psicólogo clínico no Núcleo em Saúde Mental Hospital-Dia Casa Verde.
Membro do Núcleo de Estudos em Psicanálise e Clínica da Contemporaneidade (NEPECC-IPUB-UFRJ). Em formação na SBPRJ.
sanzana@gmail.com

A crise como estado mental do analista

“This state of emergency, how beautiful to be. State of emergency, is where I want to be”. (Björk – Jóga)



Pacientes em crises fazem parte da rotina do consultório de um psicanalista. Deparamo-nos com temáticas singulares próprias aos processos de subjetivação de cada indivíduo, assim como seus atravessamentos ambientais, sociais, geracionais, raciais, dentre outros que compõem a complexidade da nossa subjetividade. A crise evoca o ímpeto à mudança subjetiva, estado de emergência no qual a descontinuidade abala o arranjo do mundo interno e assombra o indivíduo com o desconhecido, que se anuncia enquanto aquele afeto que jamais caduca, a angústia.

E quando a crise se precipita e se instala sutilmente na mente do analista durante a condução de um processo analítico? Quando o analista é levado a conviver tão intensamente com os personagens construídos no campo psicanalítico a ponto de viver intensamente, ao lado do paciente, momentos críticos de sua vida?

Thomas Ogden, apoiado na teoria do campo psicanalítico e nas obras de Donald Winnicott

e Wilfred Bion, propõe a ideia de um terceiro analítico intersubjetivo, que se impõe como uma formação particular da relação transferencial-contratransferencial, através da qual o analista opera, levando em consideração os fenômenos próprios ao tensionamento da situação analítica, advindo tanto do analisando como também do analista. A partir da sua capacidade de sonhar, o analista é responsável por captar, digerir e devolver para o paciente, de maneira que este também recupere a possibilidade de sonhar seus próprios sonhos. Em consonância com o sonhar, a sustentação promovida pela capacidade de holding do analista propicia um ambiente não-intrusivo, no qual o paciente consiga experimentar novas formas de ser no mundo.

O analista imerge, ao lado do paciente, em aspectos profundos da vida emocional deste e, a partir da interação no aqui-agora da sessão, levando em consideração os fenômenos do terceiro analítico próprios ao encontro entre subjetividades, fornece a possibilidade de construir uma outra via diante da dor psíquica do paciente. Acredito que, na situação analítica, a crise do analista precede a crise do analisando e se instaura enquanto um

estado emergencial particular que possibilita a escuta sensível das diversas camadas do sofrimento psíquico. Aquele que se propõe a conduzir uma análise também padeceu, em algum momento, de suas angústias e crises particulares em um processo analítico que lhe proporcionou a capacidade de tolerância, continência e de contato íntimo com o tecido emocional particular que envolve seu mundo interno. Talvez essa seja uma das tarefas mais árduas, mas, em paralelo, mais fascinantes que a clínica nos evoca a assumir enquanto função do analista: tolerar o estado emergencial singular da relação analítica e suas crises, sem nos entregarmos aos nossos devaneios narcísicos e, ao mesmo tempo, sem nos isentarmos de nossa responsabilidade diante da vida emocional de nossos pacientes. A crise do analista faz leito para a recuperação da capacidade de sonhar do analisando.

// Daniel Senos

Doutor em Psicologia Clínica (PUC-Rio). Mestre em Teoria Psicanalítica (PPGTP/UFRJ). Prof. da Pós-Graduação em Psicologia Clínica com Crianças (PUC-Rio).
Membro provisório da SBPRJ
danielsenos@gmail.com



Margareth Dalcolmo

Pneumologista pesquisadora da FIOCRUZ. Doutora em Medicina Respiratória pela Universidade Federal de São Paulo. Membro Titular da Academia Nacional de Medicina. Consultora da OMS. Presidente da Soc. Brasileira de Pneumologia (Gestão 2023-2024). Colunista em *O Globo – A Hora da Ciência*.

Margareth, você foi uma das figuras de referência, de resistência e de cuidado numa das maiores crises sanitárias que vivemos neste século. A experiência do COVID-19 foi atravessada por crises de várias dimensões. Conte um pouco para nós como foi sua experiência

Em março de 2020 o Ministro Luiz Henrique Mandetta convidou um grupo de médicos para assessorá-lo, e nós passamos alguns dias em Brasília. Estávamos buscando entender o que estava ocorrendo no mundo. Tivemos conversas on-line com colegas da Espanha, da Itália, da China... enfim, era uma situação que nós sabíamos que o que iria acontecer seria muito grave no Brasil, dado o fato de que nós não estaríamos preparados, do ponto de vista da contingência, para viver uma crise sanitária do tamanho que foi. Sabíamos que seria muito grave. Em São Paulo, um colega que tem um blog chamado Pneumoimagem¹ me convidou para gravar um vídeo, uma live on-line. Então eu gravei, fiz um resumo e adiantei que a situação era muito grave, que nós teríamos duas armas para confrontar o que estava para vir: uma era o nosso SUS, por mais combatido que estivesse naquele momento, vindo de um processo de desmonte evidente, subfinanciamento e tudo mais; e o isolamento social, que contrariava completamente a nossa cultura – nós somos gregários por natureza, somos latinos, brasileiros e, naquele momento, nós sabíamos que isolar as pessoas era uma arma absolutamente estratégica. E eu te confesso que, naquele momento, eu não tinha nenhuma ideia do que era a força das redes sociais, porque não era uma usuária assim, né? No dia seguinte, eu tomava café às sete e meia da manhã. Ele me liga de novo e me diz: “Olha, estamos com 600 mil visualizações!”. Tinha 14 horas. Quando eu estava no aeroporto pra voltar pro Rio, a Rede Globo me ligou e disse: “A senhora é a médica que gravou uma live

que tem milhões de visualizações?”. Tinha 30 horas que eu tinha feito isso. Encurtando a história, fui ao vivo e dei a primeira entrevista na televisão. Acho que vale fazer um registro importante: a imprensa brasileira, com todos os problemas e influências, nessa encruzilhada, ela optou por um caminho correto, salvo raras exceções. Ela realmente optou por um caminho de dar voz às pessoas que diziam as coisas certas, por mais que a notícia fosse ruim. Lembro-me da véspera de Natal de 2020: naquele momento, estavam morrendo 2 mil pessoas por dia no Brasil. E a televisão me perguntou: “É verdade que a senhora vai dizer no Jornal Nacional que não pode ter Natal?”. A situação estava muito grave. Nós não temos sequer logística para enterrar essas pessoas. Alguém precisava dizer a verdade. Até autoridades me ligaram ofendidas, porque eu tinha dito que acreditava mais em cova aberta do que nos dados oficiais... Então, foram muitos momentos muito difíceis. A rotina virou uma rotina completamente diferente para nós. Todo mundo morria praticamente de doença respiratória. Por isso, nós, pneumologistas, tivemos um papel muito protagonista desde o início. E quando isso tudo aconteceu, nós já tínhamos perdido os primeiros pacientes que foram logo depois do Carnaval de 2020 – que, teoricamente, nem deveria ter existido. No ano seguinte, eu escrevi um artigo na Folha de S. Paulo, dizendo que não poderia haver Carnaval de modo algum. Alguns de nós fomos ouvidos – eu, particularmente. Sou muito grata à maneira como a imprensa me tratou e me trata até hoje, me respeita, não há dúvida. Tenho toda a liberdade de dar uma informação ou pedir a divulgação de uma informação importante para milhões de pessoas e fazer com que isso seja confiável. Então, quando alguém me para e me diz assim “Doutora, quando a senhora entrava no ar, a minha família toda corria para a sala, porque a gente

sabia que era hora de confiar que a senhora ia dizer a verdade”, isso é algo que não tem preço pra mim.

Eu estava pensando, Margareth, quando li todo o seu currículo, que o seu é um “currículo de vida”, é um *Curriculum Vitae* no melhor sentido. Fica evidente a dedicação da sua vida à saúde pública. E você teve um papel em que, em nome dessa condição de médica e cuidadora, teve que enfrentar uma série de resistências, desde questões políticas a questões culturais, e você ficou firme, defendendo a sua proposta, defendendo uma forma de cuidado muito estrita.

Nós lutávamos contra a retórica oficial, a retórica governamental, que era extremamente nociva, que colocava em xeque todas as medidas. Alguns preconceitos passaram a se mostrar de maneira mais despudorada pra nós, que nunca tínhamos visto o movimento antivacina no Brasil. E, sem dúvida, outro aspecto complicado é o fato de sermos seres gregários. É difícil você dizer “Olha, a vovó não pode ver o netinho”, “Tem que comemorar o aniversário da janelinha”... Lidamos com a solidão das pessoas. Nós descobrimos, de maneira muito, muito dura, talvez até menos no Brasil, exatamente pelo fato de convivermos mais em família, mas em todo o mundo o quanto as pessoas sofreram de solidão. Lembro de imagens, que não vou esquecer, de pessoas morrendo sozinhas em casa. Então, eu acho que, quando pensava nessas pessoas, eu falava na televisão e procurava dar uma esperança, sempre... “Olha, quem sabe ano que vem nós possamos ter Natal”... E realmente ocorreu isso em 2021. Eu falei na televisão e eu disse: “Olha, gente, eu quero dizer que esse ano pode ter Natal, mas um Natal pequeno”. Então, assim, foi uma experiência dura. Houve momentos difíceis para mim. Lembro-me de quando perdi meu marido e, depois

de um mês que ele tinha falecido, abriu a vaga da Academia Nacional de Medicina. Eu disse que eu não tinha a menor condição de preparar uma campanha pra concorrer, fazer uma tese inédita, e meus colegas disseram “É claro que é a sua vez agora. A Academia precisa de você!”. E aí eu fiz uma campanha bonita. E eu me sinto muito bem sendo membro da Academia Nacional de Medicina, onde nós temos tido um papel de assessorar o Estado brasileiro nas questões de saúde. E nós somos muito poucas mulheres, mas é um grupo feminino extremamente capaz e qualificado. Se Deus quiser, vamos aumentar a nossa representação feminina naquela Academia.

Você falou de representação feminina, e eu pensei que nós brasileiros tivemos a sorte de ter uma mulher como você liderando essa campanha e o cuidado da COVID. Com todas as limitações que você colocava como sendo necessárias para o cuidado, para o tratamento, que era o que a gente tinha naquele momento como recurso, com tudo isso, com toda a antipatia da proposta, você foi uma figura acolhedora, cuidadosa e confiável. Eu acho que a gratidão da população se dá por esse sentimento de estar sendo cuidado. Eu acho que você ofereceu isso muito generosamente ao Brasil. Mas eu queria seguir, recolocando o nosso tema: CRISE, que, etimologicamente, significa “momento de decisão, de mudança, de separação”. É um momento decisivo de uma situação, tipo “vai ou racha”. E aí eu queria te perguntar: quais você considera que sejam os maiores desafios na área da saúde atualmente?

Bom, do ponto de vista global, acho que o que está acontecendo no mundo. Vou falar de dois cortes. Eu dei uma entrevista para a televisão, dizendo que os Estados Unidos são muito importantes, como eu acho que pode ser uma bravata sua saída da OMS [Organização Mundial de Saúde] e que não é uma coisa que comprometa apenas os Estados Unidos. Compromete o mundo e programas que nós precisamos. Eu sou membro de grupos de trabalho da OMS. Eu faço parte do grupo que aprova os medicamentos essenciais – já há vários anos estou com o meu mandato. A comunidade acadêmica americana é muito importante para nós. Não apenas pela colaboração que nós temos com muitos grupos deles, mas as instituições científicas – como o NIH [National Institutes of Health] e o CDC [Centers for Disease Control and Prevention] –, não podem sofrer influência de governos, porque elas não são instituições de governo. Elas são instituições de Estado, então isso é

um desastre para todos os países vulneráveis do mundo.

Por outro lado, eu acho que nós temos ameaças que não são mais veladas e que são muito graves, que são as novas epidemias. A história do Homem, ao longo dos dois últimos milênios, se marca, em muitos momentos, por epidemias. A história das epidemias é, de certa maneira, um pouco a história do Homem. Então, hoje, considerando o aquecimento global, que não se pode mais negar, o desmatamento, a mudança ecológica que a Terra sofreu ao longo dos últimos tempos... as coisas mudaram. E, no Brasil, nós temos muito medo, porque a Amazônia brasileira é, talvez, o maior celeiro do mundo de coronavírus, com uma quantidade de outros vírus muito grande. Então, hoje, nós temos ameaças, sim. Nós estamos aí com a gripe influenza, a gripe aviária, que é uma ameaça real. Lembremo-nos do que ocorreu com a gripe espanhola de pouco mais de um século atrás, onde houve a maior mortandade: 50 milhões de pessoas morreram no mundo nas três ondas. Então, hoje são passados mais de cem anos, se você me perguntar se nós estamos preparados hoje no Brasil para receber uma nova epidemia, eu diria que não, porque nós não temos ainda a contingência necessária para isso... Alguém me perguntou outro dia de que eu tinha mais medo, se era de armas nucleares ou de epidemias. Eu não hesitei e continuo dizendo: eu tenho mais medo de epidemia do que de armas nucleares. Não acho que haja hoje um ser humano capaz de tomar uma atitude usando uma arma nuclear, francamente. Mas epidemias são um risco real e eu tenho muito medo delas, porque o mundo não tem uma vacina anti-influenza pandêmica. E a ciência sozinha não vai resolver. Vai ser preciso que as comunidades, que nós voltemos a entender que há um novo risco, que adotemos comportamentos que são diferentes daqueles que nós estamos habituados.

Quer dizer, quando você vai falando sobre as epidemias, você traz a dimensão política. Você falou agora da questão da crise climática como mais um elemento, mais um fator relevante, que é preciso cuidar, incluir. E aí eu fico pensando como é necessário para tratar de uma epidemia, para tratar da saúde, ter um olhar complexo para a humanidade.

A questão ambiental é absolutamente fundamental. E a tecnologia também pode ser usada a nosso favor, tecnologias que podem ser usadas apenas para o bem coletivo. Reflorestar, não desmatar, tratar o meio ambiente. Outro assunto menos glamuroso, mas funda-

mental, e que eu tenho falado muito, é sobre saneamento, sobre saneamento básico, que é um assunto que é zero glamour, né? Mas, enfim. É isso, né. Isso está ligado à pneumonia na primeira infância, ligado à qualidade da água... saneamento é algo que os políticos não gostam de fazer, porque não tem glamour, não aparece. É melhor fazer um coreto na praça, que aparece, né?

Você está falando tanto do reflorestamento quanto do saneamento básico. Tão básicos, tão fundamentais, mas tão raros. Fiquei pensando na construção dessa base confiável que module as relações humanas, bem como a relação do homem com a natureza – são cuidados fundamentais. E eu queria te perguntar: do seu ponto de vista, de que maneira o psicanalista pode contribuir nessa crise?

Eu acho que os psicanalistas, pela sua prática constante de ouvir e entender o outro, têm um papel de responsabilidade e solidariedade. Nunca as angústias e dúvidas foram tão intensas. Muitos conceitos arraigados estão sendo questionados. Conflitos ideológicos fragmentaram famílias, amigos deixaram de se falar. A retórica era tão persuasiva que precisávamos desconstruí-la e ser igualmente convincentes. Os psicanalistas certamente ajudaram no confronto pessoal, ouvindo medos que talvez nunca tivessem sido expostos com tanta franqueza.

A solidão imposta pela COVID-19 foi um teste extremo. Como médicos, nas unidades COVID, vivemos a experiência do luto pressentido: o paciente sabia que talvez nunca mais visse sua família ao ter a porta do quarto lacrada. O único contato humano era um olhar através de máscaras, óculos e luvas. O paciente tentava intuir nosso estado de espírito pelo olhar. Atendíamos pedidos inusitados: mudar testamentos, formalizar uniões estáveis, garantir direitos. Muitas vezes, levávamos documentos antes da intubação, desempenhando um papel que ia além da Medicina. A Psicanálise, e quem viveu essa experiência, talvez estejam mais preparados para lidar com as dúvidas atuais, não como medo que diminui a pessoa, mas como algo que a faz crescer. Tive COVID-19, senti medo. Passei noites com um oxímetro no dedo, esperando a falta de ar. Fiz um caderno com meus desejos, quase um testamento. Passei 17 dias fora de casa. Foi uma experiência única. Quem passou por isso pode refletir sobre essas marcas. As perdas foram brutais. Pessoas não puderam se despedir. Isso deixou cicatrizes profundas. A psicanálise hoje enfrenta uma exigência diferente: compreender uma insegurança coletiva, não

apenas dramas pessoais. Os psicanalistas talvez precisem reler os medos contemporâneos. A releitura do passado é essencial. Confúcio dizia que só avançamos olhando o outro. Saramago também afirmava que, sem olhar o outro, não há futuro. Acho que os psicanalistas enfrentam um novo desafio: compreender os novos medos do nosso tempo.

Concordo. Temos novos sujeitos, novas exigências sociais. A solidão que a COVID-19 impôs foi marcante, mas há outras

formas de solidão: mesmo para os jovens, há a solidão nas redes sociais diante de ideais inatingíveis. E, com certeza, a experiência da solidão diante da finitude ou do envelhecimento.

E não podemos ignorar o envelhecimento! Em 15 anos, o Brasil será um país de idosos. Estamos preparados? Não. Precisamos formar médicos, psicólogos, psicanalistas e toda a sociedade para lidar com essa nova realidade. O medo do envelhecimento está muito presente, seja por questões estéticas ou pelo receio real da soli-

dão. Esse é mais um desafio para vocês.

Com certeza. Esse tema merece uma nova conversa. Fica então o convite para seguirmos em uma próxima oportunidade, quem sabe em um próximo IA. Muito obrigada, Margareth.

// Simone Wenkert Rothstein

Membro associado da SBPRJ
simonewr@rotx.com.br



DIVAGAR É PRECISO

A angústia do Rei Salomão

Salomão Rubinstein é um senhor que já viveu a maior parte de sua vida. Fez fortuna vendendo calças, o que lhe valeu a alcunha de Rei das Calças e, em seguida, Rei Salomão. Não casou e não teve filhos, é um homem sozinho, mas coleciona histórias e a capacidade de conversar e fazer amigos. É assim que conhece Jean, um motorista de taxi a quem convida para trabalhar com ele na instituição S.O.S. Voluntários, uma espécie de ONG que ajuda pessoas solitárias e faz companhia a elas, pessoalmente ou por telefone.

Jean é jovem, sensível e cheio de vida. Trabalha para terminar de pagar o taxi que comprou em sociedade com seus amigos. Além disso, é curioso e frequenta a biblioteca, adora procurar palavras novas no dicionário. Jean gosta de falar de filmes e isso atrai a atenção do Rei Salomão, um octogenário que está sempre olhando pra frente, pensando nos próximos anos, que gosta de sair muito bem arrumado, um senhor que não parece ficar flertando com a morte.

O Rei Salomão pede a Jean que vá visitar uma senhora chamada Cora Lamenaire. Ela foi cantora, mas sua carreira foi precocemente encerrada com a guerra e depois passou a ser uma mulher que vive lamentando aquilo que foi e não é mais. Cora lamenta não ser mais jovem, não ser mais reconhecida nas ruas, não ser mais cantora. Cora vive prisioneira de uma melancolia, envelhecendo apesar de ser jovem, morrendo em vida.

Sabemos como o percurso do envelhecimento pode ser trilhado de várias formas e Cora e Salomão são dois exemplos disso. Salomão envelheceu sozinho e Cora envelheceu solitária. É como se Salomão e Cora fossem dois lados da mesma moeda: ambos com dificuldades nesta fase da vida, ambos sozinhos. Salomão talvez negue a própria idade (não sabemos o suficiente para afirmar isso) e Cora, pelo contrário, sente-se quase morta.

Não é incomum ouvirmos por aí que os defeitos se acentuam na velhice. Talvez as pessoas tenham essa percepção porque, na verdade, a velhice é parte do nosso desenvolvimento. Portanto, a velhice não nos torna outra pessoa, assim como nenhum outro momento da vida. E, assim, talvez Cora já fosse uma moça mais melancólica e depressiva antes do início da nossa história e os anos de solidão só fizeram acentuar suas dificuldades. E talvez o mesmo seja verdade para Salomão, que, depois de muito sofrimento, passou a viver em certa negação, apenas vivendo, sem pensar em separação, em morte, na tentativa de escapar da dor.

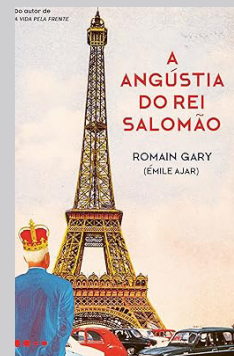
Envelhecer não é uma crise, não é um momento agudo, mas sim o resultado daquilo que se constrói ao longo de toda uma vida. Para muitos, pode ser uma época de várias perdas e de rupturas. No caso dos nossos personagens, não foi uma perda. Salomão e Cora ganharam Jean. Podemos fazer um paralelo entre Jean, o taxista que resgata o passado, que reabre passagens, e a função do analista. Jean soube escutar atenta

e sensivelmente, e todos puderam percorrer juntos os caminhos que desbloquearam amarras dolorosas do passado. Sem a ajuda do taxista Jean abrindo passagem, o que havia antes era melancolia, negação, solidão e dor, cada um em seu canto. Jean é a figura sensível que une os dois, que resgata sua história em comum, revivendo um elo importante para ambos com delicadeza e carinho. Jean é a vida, é a juventude que une Cora e Salomão. Com a chegada de Jean/vida, o passado sombrio pode ser elaborado.

// Gabriela Psczol Krebs

Membro associado da SBPRJ.

Professora do Instituto de Formação da SBPRJ. Mestre em Estudos Psicanalíticos pela Tavistok Clinic de Londres
gabi.psczol@gmail.com



Autor: Romain Gary (Émile Ajar)
Ed. Todavia, 2024.